

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL CAMPUS ERECHIM/RS

CURSO DE GEOGRAFIA/LICENCIATURA

LUISA RENATA TACCA

**A PAISAGEM E A GEOGRAFIA: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO
TRABALHO DE CAMPO COMO RECURSO DIDÁTICO**

ERECHIM- RS

2020

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia-Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador Prof. Dr. Reginaldo José de Souza.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me mantido firme ao longo destes cinco anos de graduação e pelos tantos desafios superados.

Aos meus pais Diamantino (*in memorian*) que mesmo enfermo aguardava minha chegada das aulas e Gema, por todo o apoio, dedicação e auxílio a mim dedicados.

Ao meu esposo Jean pelo apoio e dedicação.

Ao meu orientador professor Reginaldo Souza, por toda a dedicação, a compreensão e auxílio.

Aos professores Everton e Paula Lindo, pelas contribuições na apresentação do presente trabalho.

Aos professores do curso de Geografia, por todos os aprendizados adquiridos.


LUIA RENATA TACCA ANGHINONI

**A PAISAGEM E O ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO SOBRE A
INSERÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO COMO RECURSO DIDÁTICO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 10 de dezembro de 2020.

Banca examinadora:


Prof Dr. Reginaldo José de Souza – Orientador

Profª Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo - Membro(1) da banca (UFFS)

Prof. Dr. Everton de Moraes Kozenieski - Membro(2) da banca (UFFS)

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Anghinoni, Luisa Renata Tacca

A PAISAGEM E A GEOGRAFIA: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO COMO RECURSO DIDÁTICO: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO COMO RECURSO DIDÁTICO / Luisa Renata Tacca Anghinoni. -- 2020. 58 f.:il.

Orientador: Doutor em Geografia Reginaldo José de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Geografia, Erechim, RS, 2020.

1. Geografia e Paisagem. I. Souza, Reginaldo José de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RESUMO

O presente trabalho está voltado ao estudo da paisagem visando apresentar uma reflexão teórica acerca deste conceito e suas relações com a prática do trabalho de campo. A partir deste, objetiva-se avaliar as contribuições desta ferramenta didática partindo de embasamentos bibliográficos de cunho teórico, tendo como foco o conceito paisagem. A paisagem, como a dimensão da vida, a composição visual formada por elementos físicos, naturais e artificiais, presentes em determinada porção do espaço, pode servir para estudar as suas transformações, por um viés geográfico. Para tanto, o entendimento da paisagem, concentra-se como uma unidade visível que, a partir dela, podem ser representados elementos do passado e presente. A paisagem deve ser estudada como categoria do conhecimento humano, tendo em vista que a Geografia estuda as relações entre os processos históricos que regulam a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem. No ensino de Geografia, apropriando-se do trabalho de campo, observando a paisagem atual, é possível desvendar inúmeras situações, tanto naturais como sociais, ocorridas em determinado lugar. A paisagem para a Geografia não é somente o que podemos perceber em um determinado lugar, em um determinado momento por meio dos nossos sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar). Portanto, estudar este conceito leva-nos a descobrir muitas coisas, como a história dos lugares, assim como, a compreensão de onde e como vivemos. A pesquisa justifica-se por esta temática ser extremamente importante na ciência geográfica na medida em que valoriza o estudo da paisagem entre a natureza e as dinâmicas da ocupação dos espaços e conectada ao trabalho de campo que sempre visa o além dos muros da escola contribuindo para que o professor (re) signifique as metodologias de ensino, para que os alunos construam os significados uma vez que respondem às expectativas. A metodologia deste trabalho constituiu-se de levantamentos bibliográficos das referidas temáticas.

Palavras- chave: Educação Geográfica. Trabalho de campo. Recurso Didático.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: ABORDAGENS SOBRE AS POTENCIALIDADES DO ENSINO DE GEOGRAFIA	16
A Geografia na Escola: Como qualificar a cidadania através do ensino de Geografia?	17
Para que Serve o Ensino De Geografia?	20
CAPÍTULO II: PAISAGEM UMA CATEGORIA ENTRE NATUREZA E SOCIEDADE	25
Embasamento Filosófico.....	25
Embasamento Geográfico	29
CAPÍTULO III: O TRABALHO DE CAMPO UMA PRÁTICA DE VALORIZAÇÃO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	33
A importância do trabalho de campo para a ciência geográfica	33
Planejamento do Trabalho de Campo	36
Proposta pedagógica para uma oficina de trabalho de campo	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59

Prólogo de um trabalho; Explicações de uma vida: Do sonho à realidade.

Olhar criticamente a si mesmo é condição imprescindível para a redação de um memorial. Um olhar que não permite auto engano nem falsas explicações pois esses desacertos acabarão por encobrir o que se procura revelar: O sentido da trajetória percorrida. A partir do presente, pensar o passado, projetar o futuro e relatar minhas perspectivas em relação ao curso de Geografia.

Sempre fui aluna de escola pública e ao longo de minha trajetória estudantil enfrentei muitos desafios. Difícil acesso até a escola, falta de professores, pouco material de estudo, raríssimo apoio pedagógico dentre outros preconizados pelas políticas públicas para a educação, quase inexistentes na época de 80 e 90, mas sobrevivi e desenvolvi meu potencial humano e educacional.

Moradora do meio rural, com poucos recursos financeiros que também era um entrave, decidi após a conclusão do ensino fundamental mudar para a cidade para trabalhar. Trabalhei por muitos anos como empregada doméstica residindo no próprio emprego. Conheci novas paisagens, algumas agradáveis, outras nem tanto. Como eu tinha um sotaque do interior oriundo da língua materna: (meus pais quase não falavam português, somente o dialeto italiano) fui alvo de deboches por muitas vezes.

Esses desafios e entraves, me fizeram repensar sobre voltar aos estudos. Então passei a fazer um curso de datilografia e a ingressar no supletivo para concluir o ensino médio pois, para mudar de trabalho e trabalhar numa empresa o ensino médio era o principal requisito. Ingressei e concluí o ensino médio, e, em seguida passei a trabalhar numa empresa.

Vendo as oportunidades ofertadas na empresa, resolvi prestar o ENEM e consegui uma vaga para cursar Geografia na UFFS. Imediatamente, realizei a matrícula e em 2015 ingressei no curso. Éramos 50 acadêmicos, sala cheia. O primeiro semestre foi difícil e eu quase desisti. Tive problemas de saúde na família e voltei para o interior para cuidar dos meus pais. Cancelei o segundo semestre, mas, não desisti, passei a frequentar a universidade mesmo morando no interior.

Percorria um longo trajeto a pé numa estrada quase deserta até chegar na estrada geral para pegar o transporte escolar. Sempre querendo aprender, com o sonho de me

tornar professora de Geografia, fazia as leituras durante o trajeto e refletia sobre o dia em que eu me tornaria uma professora.

Todas as disciplinas que estudei ao longo do curso foram essenciais, sendo que umas se destacaram mais que as outras pelo assunto abordado se aproximando da minha realidade. Os trabalhos de campo foram muito construtivos me levando a observar, pesquisar, construir. O campo foi para mim um instrumento metodológico o qual me apropriei de situações externas, podendo contextualizá-las no tempo e espaço me apropriando dos conceitos da Geografia e o que mais me chamou atenção foi a paisagem.

As primeiras menções sobre a paisagem, por exemplo, foram a mim apresentadas no ensino fundamental nas aulas de educação artística para representar algo belo, perfeito aos olhos como um céu azul, um sol radiante, lindas palmeiras com morros e colinas. Eu nunca tinha sido instigada a pensar que atrás daqueles morros pintados de verde e marrom, a paisagem continuava e as dinâmicas do espaço geográfico aconteciam.

Foi na graduação, em quase todas as disciplinas que tive conhecimento e menções aos conceitos. Mas, na disciplina de tópicos especiais em Geografia Física a paisagem me foi apresentada de maneira geográfica e com um viés filosófico por um professor apaixonado por ela, o Régis como carinhosamente é chamado.

A paisagem é onde o céu e a terra se tocam expressando a naturalidade da paisagem de Michel Courajoud, e, onde eu vejo o infinito no finito. Esta colocação me fez compreender a paisagem e cada vez mais, gostar de trabalhar este conceito o qual estou utilizando em meu trabalho de conclusão, elencando o trabalho de campo para contemplá-la. Sim, a paisagem precisa ser vista para entender sua amplitude. A paisagem é o ponto de partida para todos os demais conceitos.

Mas, eu quero contar do meu retorno do campus até em casa quando, algumas vezes meu lugar me causou topofobia. Chegando muitas vezes no início da madrugada, a minha preocupação era não somente enfrentar a escuridão sem paisagem, a qual só avistava com a lanterna e a força da natureza quando da ocasião das enchentes quando a ponte que precisava passar estava quase submersa, mas, em chegar e encontrar meus pais vivos.

Assim, ia para meu quarto, pensava nas leituras e como eu iria realizar os trabalhos de campo importantes para minha formação os quais demandavam até 4 dias. Quem

ficaria com meus pais? Graças a Deus e tratamentos oncológicos em um ano minha mãe voltou a se alimentar oralmente, mas infelizmente meu pai depois de um ano e meio de enfermidade, descansou. Isso me deixou muito triste mas não desisti, pois meus pais mesmo estando muito doentes, sempre me apoiaram em ir para a universidade, não faltar aula e principalmente nunca chegar atrasada. Sim, minha educação foi muito criteriosa quanto a pontualidade desde o início de minha vida escolar.

Com ajuda de algumas pessoas da comunidade aqui do Rio Brasil no município de Barra do Rio Azul onde resido atualmente consegui fazer a maioria dos campos os quais contribuíram de forma eficaz na minha formação. Os trabalhos de campo que ocorrem em âmbito do curso de geografia na UFFS possuem um caráter integrativo entre as várias disciplinas da fase/semestre em curso e estão descritos no PPP do curso como componentes obrigatórios.

O campo na Geografia é uma ferramenta indispensável para o aprendizado e uma extensão da sala de aula eficaz para o ensino. O trabalho de campo deveria existir desde os anos iniciais do ensino fundamental. Faço isso com as crianças da creche na escola que atuo, claro, neste caso as crianças o interpretam como um passeio! Passeamos ao redor da escola e na comunidade depois voltamos na sala de aula e desenhamos o que vimos. Acreditem! É fascinante!

Em 2018 eu participei de um processo seletivo para o Residência Pedagógica. Este é um programa ofertado pela CAPES para a formação docente. A partir disso, as aulas que eu dava em minha casa na infância escrevendo nas paredes de madeira com carvão, se tornaram realidade! Sim! Depois de muito preparo durante os encontros do programa, observações em sala e preparo de materiais eu dei aula de Geografia. Tremi as pernas. Mas foi sensacional! Isso também me demandou esforço por conta do percurso, distante da cidade de Erechim. Eu saía de madrugada por medo do trânsito, (um pouco insegura na direção ainda) deixava meu carro na entrada da cidade e ia a pé até o colégio HAIDEE. De manhã, era a primeira a chegar. Esperava o horário e ia pra sala esperar meus alunos.

Isso valeu muito a pena, faria novamente quantas vezes fosse necessário. A UFFS, professores, colegas e o programa Residência Pedagógica, contribuíram substancialmente para minha formação. Eu tenho certeza de que me tornei uma pessoa melhor, e, sendo uma pessoa melhor vou ser uma professora melhor.

Escrevendo este trabalho no momento atual que a sociedade se encontra devido a pandemia que assola nosso mundo, me levou a refletir substancialmente sobre a profissão escolhida, no sentido de readaptar-me às tecnologias e de pensar e desenvolver metodologias eficazes no ensino aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A Geografia, assim como outras ciências faz uso do trabalho de campo para entender a espacialização das dinâmicas dos seres humanos no espaço geográfico para compreender os diferentes aspectos, sejam sociais, políticos e econômicos de determinado local. A partir das experiências pedagógicas durante o período de graduação, a percepção foi de que geralmente, as aulas de Geografia são ministradas de forma bastante teórica somente e distante do local de vivência do estudante.

Assim sendo, através de referenciais teóricos busco justificar a importância do trabalho de campo como uma ferramenta para a compreensão da paisagem nos processos de ensino aprendizagem, qualificando e mediando os conteúdos da Geografia para construir a partir disso, análises didáticas sobre o conceito de paisagem, frequentemente utilizado nos conteúdos de Geografia.

A paisagem conta a história dos lugares. É preciso que o ensino de Geografia se debruce em análises paisagísticas e percepções do espaço acerca das modificações das paisagens, de como o meio de convivência vai se modificando com o passar do tempo e com a ação antrópica, para assim, despertar um olhar geográfico para questões como as desigualdades, convívio social e realidades vivenciadas, para em nossas aulas educarmos sujeitos críticos frente à sociedade, buscando na paisagem a problematização e possíveis soluções nas realidades encontradas.

Através de experiências no ensino, propostas através do ¹Programa Residência Pedagógica, subprojeto da Geografia, despertou em mim, um interesse cada vez maior pelo ensino de Geografia e seus conceitos no processo de ensino aprendizagem. Nas propostas de ensino durante o período das regências, no ensino fundamental e médio a percepção obtida da aprendizagem se tornou mais eficaz quando da utilização dos conceitos e a paisagem se configura como íntegra neste aspecto, assim como, as aulas práticas realizadas externas à sala de aula.

A paisagem possui amplas relações com o meio ambiente na medida que nela ocorrem experiências diretas do mundo vivido, representando as realidades geográficas experienciadas ou vivenciadas diretamente no cotidiano, bastando apenas, que os estudantes a observem no caminho da escola, por exemplo. Mas, para tanto é necessário

¹ Bolsista do subprojeto de Geografia no período de agosto de 2018 a dezembro de 2019.

que sejam instigados a observar e refletir sobre o que observaram e neste sentido o trabalho de campo se configura como uma ferramenta eficaz.

As transformações das matas em lavouras de grãos; a transformação dos lugares em construções de aviários e chiqueiros em parceria com grandes empresas, são recortes que podem se tornar aportes de estudo deste conceito de maneira didática.

Importante mencionar que a paisagem se torna um método de análise socioambiental pelo fato que, através dela somos possibilitados de detectar problemas presentes no espaço geográfico tanto a curto como a longo prazo podendo intervir diminuindo impactos. Neste sentido, Souza afirma que:

O entendimento das particularidades dos processos que ocorrem nos entremeios dos fatos da natureza e da sociedade é importante para quaisquer políticas de ordenamento territorial, que considerem o uso adequado dos recursos, a manutenção de certa racionalidade conservacionista e a qualidade ambiental. (SOUZA, p. 20, 2015)

Considerando a profissão docente, temos que ter em mente que a paisagem é um sistema que se apresenta em constante modificação. Ela se renova e isso nos remete a pensar que as transformações que ocorrem nas paisagens, podem ser compreendidas principalmente por meio da percepção a longo prazo, mas, não quer dizer que em um menor período de tempo a modificação de constituintes de tal transformação, não se mostrem visíveis.

Para tanto, a profissão docente se caracteriza como uma missão complexa na relação estudante- professor, escola -família, escola- sociedade que somente com o passar do tempo ocorre a experiência e o aprendizado, na conjuntura geral em que cada dia vivido na escola vivencia-se uma experiência diferente. Neste aspecto, a paisagem nos lembra que a Geografia está presente em toda parte tanto como fonte de beleza, tanto como feitura de alegrias e tristezas também como de acertos e erros.

Uma construção docente significativa na disciplina geográfica devido a sua especificidade, acontece a partir de ricos embasamentos teóricos, que renovam a prática. A paisagem, sua percepção e inserção do trabalho de campo foram escolhidas para esta pesquisa, acreditando que estes temas expressam a representação da vida e a hibridação dos sujeitos com a natureza. A paisagem pode ser uma unidade de avaliação que qualifica/media os conteúdos de Geografia e dá sentido à atividade de campo, a partir da observação e análise, para assim compreende-la.

A realização desta pesquisa, justifica-se pela importância da temática para o ensino aprendizagem e para a formação dos estudantes como sujeitos críticos frente a sociedade,

elencando uma ferramenta eficaz como o trabalho de campo, para dar sentido e despertar o interesse pela Geografia. A pesquisa possui a tipologia descritiva e explicativa. Explicativa, pois serão apresentadas diferentes conceituações sobre paisagem na perspectiva de diferentes autores. Descritiva pois pretende-se descrever a partir de bibliografias a importância do trabalho de campo para a ciência geográfica.

A metodologia utilizada na pesquisa é qualitativa, pois é estudado um conceito da Geografia apresentando suas definições. Dentro deste conceito será trabalhado como recurso didático para qualificar o ensino, a inserção do trabalho de campo.

A pesquisa se caracteriza com o procedimento teórico a partir da discussão dos conceitos acima citados, os quais se referenciam em autores como: Reginaldo Souza, Dirce Suertegarray, Helena Callai, Alexandra Carniel, Jean Besse e Carlos Vitte sobre a paisagem e a Geografia. Luzia Tomita, Nestor Kaercher, Carmen Candida Ciocari, Paul Claval sobre o trabalho de campo. No viés filosófico foram apresentadas ideias de autores como Adriana Serrão, Rosário Assunto, Michel Courajoud referenciando o conceito paisagem.

A abordagem filosófica se deve à relevância do tema para o entendimento do assunto, pois ao estudar a paisagem por um viés filosófico, encontramos diversas argumentações, descrições e olhares sobre este ponto de estudo, que muito tem a contribuir com a Geografia abordando a paisagem em diferentes dimensões e pontos de vista.

Assim sendo, esta pesquisa se constitui em explicitar em cunho teórico e bibliográfico a importância do trabalho de campo para análises da paisagem e para dar sentido à Geografia como matéria escolar, investigando diferentes conceituações e suas aplicações apropriando-se desta ferramenta em outras matérias escolares também.

Durante as experiências pedagógicas oportunizadas durante a graduação, tive a percepção que os estudantes precisam ser motivados para a aprendizagem e faz-se necessário uma relação dos temas com sua realidade de vida. Segundo Freire (1996, p.43), “o professor não deve ser um simples transmissor de conhecimento acumulado, mas sim um mediador, onde a bagagem de vivência do aluno deverá ser valorizada de forma cultural e construtiva”. A Geografia além da sala de aula, tornar-se-á cooperativa e colaborativa na construção de conhecimentos. Além disso, é recorrente uma nova postura de aprendizagem frente ao grande e veloz avanço técnico-científico, uma vez que se convive diariamente com as novas tecnologias e as múltiplas linguagens do saber. (CIOCCARI 2013 p.34).

A mesma autora ressalta a importância da realização de trabalhos de campo no local de vivência dos estudantes, possibilitando desta forma, enxergar os horizontes, expandir e ampliar as relações dos estudantes com a realidade vivida. (CIOCCARI 2013, P.18). Além da contribuição substancial para o aprendizado, o trabalho de campo poderia ser potencializador das minhas ações enquanto professora de Geografia. Essa constatação nos leva a refletir profundamente sobre como fazer com que o trabalho de campo seja um meio colaborativo no processo do ensino e da aprendizagem.

Geralmente, as aulas de Geografia são ministradas atualmente, no âmbito escolar e na formação de jovens, de forma afastada dos aspectos referentes ao vivido. Se não houver uma interação, entre o objeto de estudo e o sujeito, no caso o aluno, a construção do conhecimento estará em risco, pois o aluno poderá não aprender o que lhe é proposto. Num trabalho de campo o professor fará mais que uma exposição de conteúdos, partirá de vivências e de experiências práticas, nos quais os fenômenos espaciais serão verificados *in loco*, tornando a aprendizagem construída perante a realidade, desconstruindo, assim, o processo de fixação do conteúdo por meio da memorização e de leituras desconectadas de seus cotidianos. (CIOCCARI, 2013, p.14).

É importante que as atividades de campo permitam uma experiência gratificante e reveladora dos locais analisados de determinado espaço geográfico e a partir da escala local, possamos durante as aulas teóricas, discutir outras escalas de análise contidas nos livros didáticos exemplificando-as a partir do local de vivência.

Este trabalho está vinculado ao ensino de Geografia e o trabalho de campo e a paisagem são temas principais desta pesquisa. Dar sentido as aulas de Geografia, torna-las atrativas e compreensíveis no sentido de ressignificar os conteúdos presentes nos livros didáticos, permitindo aos estudantes, a vivência com estes temas, que muitas vezes são tidos como abstratos.

Na introdução deste trabalho a paisagem e o trabalho de campo são apresentados como recursos didáticos e também apresentadas as questões norteadoras do trabalho e os objetivos a serem contemplados. No primeiro capítulo, são abordadas as potencialidades do ensino de Geografia, a Geografia na escola, como qualificar a cidadania através do ensino de Geografia e a importância desta matéria escolar. O segundo capítulo é apresentado o conceito Paisagem como categoria entre natureza e sociedade. No terceiro capítulo, discorre-se sobre o trabalho de campo, sua importância para a ciência geográfica, tomando-se por base autores renomados da Geografia. Discute-se também, a elaboração e a metodologia para que este seja bem sucedido quando de sua realização bem como, uma proposta pedagógica de um trabalho de campo.

Por fim, no quarto capítulo são apresentados os resultados e as discussões.

CAPÍTULO I: ABORDAGENS SOBRE AS POTENCIALIDADES DO ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia tem um papel importante no que diz respeito à formação da cidadania, pois a partir de seu objeto de estudo, que é o espaço geográfico, os sujeitos abstraem uma melhor concepção das relações políticas, econômicas e culturais que ocorrem na sociedade. Eles se apropriam da natureza conforme suas ambições, seus trabalhos, suas culturas moldando e transformando as paisagens.

Assim sendo, o ensino de Geografia é importante para a construção do conhecimento da realidade do seu conjunto e o estudante deve ser orientado no sentido de perceber-se como ativo do seu processo histórico, de mundo vivido construindo sua história coletiva e individual no espaço geográfico.

Quando se fala em mundo vivido, valorizamos a experiência do ensino de Geografia na escola como exercício diário do fazer pedagógico na área, envolvendo o mundo dos estudantes, dos professores dos livros de Geografia, não de qualquer lugar mas de uma área determinada, de uma escola determinada que reúna um conjunto de fatos que ocorrem no espaço vivido. (SILVA, 2010 p. 17).

Mundo para a fenomenologia, engloba muito mais coisas do que o suporte físico ou do que um sistema de coisas que percebemos a nossa volta- o ambiente. Segundo Tuan (1965) o mundo é um campo de relações estruturado a partir da polaridade entre eu e o outro, é o reino onde nossa história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos. É desse ponto de vista que deve apropriar-se a Geografia. (TUAN,1985, p. 119-20).

A partir da escola podemos inserir ferramentas que propiciem a leitura do mundo vivido, começando pela paisagem. A paisagem contribui para isso pois nela são representadas inúmeras transformações, basta compreendê-la e contemplá-la. Mas, para efetivamente compreendermos a paisagem essa contemplação deve ser amparada por ideias que não confundam paisagem como uma simples fotografia de um lugar perfeito aos olhos, com sinônimo de natureza ou como sinônimo de beleza.

A Geografia escolar vive um contexto de crise juntamente com todo o sistema educacional. Este fato vem dificultando o papel social da escola e os objetivos didáticos das disciplinas. Percebo que os professores estão desmotivados devido a conjuntura que

a educação se encontra, sua desvalorização e cortes significativos em seus planos de carreira fazendo o educador desiludir-se de sua função.

A realidade das escolas públicas nos faz refletir sobre nosso compromisso como professores nos levando a pensar em metodologias e ferramentas para contribuir na aprendizagem e valorizar a Geografia como matéria escolar. Assim o conceito de paisagem contribui para uma fundamentação teórica fazendo os alunos perceberem que a Geografia possibilita a compreensão do espaço vivido e na interpretação do espaço geográfico.

Esta disciplina parece perder sua essência e sua real importância na educação básica frente a outras áreas consideradas mais privilegiadas como as linguagens e a matemática. Por isso atentamos mostrar a amplitude desta ciência de maneira mais atrativa baseada na observação para que tenhamos a percepção de sua grandeza frente a sociedade e suas dinâmicas no espaço geográfico.

Sobre o ensino de Geografia de acordo com os Parâmetros Nacionais Curriculares Nacionais:

O ensino de Geografia pode levar os alunos a compreender de forma mais ampla a realidade possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias conceitos e procedimentos básicos com os quais esse campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações de modo a não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza as quais historicamente pertence mas também saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade- o conhecimento (BRASIL ,2001 p. 108)

Vivemos num planeta quase que inteiramente globalizado, e, cada vez é mais necessária a ressignificação de conceitos e categoriais e a revalorização de temas e conteúdo. A realidade deve estar aliada a teoria e a prática, por meio de estratégias que dinamizem os conteúdos e cumpram a função da Geografia escolar, de ajudar a compreender o mundo.

A Geografia na Escola: Como qualificar a cidadania através do ensino de Geografia?

A união entre conhecimento e práticas pedagógicas e artísticas assertivas torna possível a construção de muitos olhares reflexivos e as aulas práticas se constituem como uma importante ferramenta no ensino aprendizagem. A construção do saber geográfico

por meio de relações entre teoria e prática, decodifica e compreende aspectos da cultura visual de forma crítica e aprofundada e assim sendo o professor deve atuar como mediador e condutor destas práticas potencializadas na relação ensino aprendizagem em sala de aula.

Sobre a formação da cidadania, Santos (1987) assevera que os alunos devem participar das discussões socioeconômicas questionando e conhecendo seu papel de cidadão desde cedo.

A educação deveria prover todas as pessoas com os meios adequados para que sejam capazes de absorver e criticar a informação, recusando os seus vieses, reclamando contra a sua fragmentação, exigindo que o noticiário de cada dia não interrompa a sequência dos eventos, de modo que o filme do mundo esteja ao alcance de todos os homens. O morador-cidadão, e não o proprietário consumidor veria a cidade como um todo, pedindo que a façam evoluir segundo um plano global e uma lista correspondente de prioridades, em vez de se tornar o egoísta local, defensor de interesses de bairro ou de rua, mais condizentes com o direito fetichista da propriedade que com a dignidade de viver. O leitor teria sua individualidade liberada, para reclamar que, primeiro, o reconheçam como cidadão. (SANTOS, 1987, p. 128/129).

A Geografia escolar é importante na formação crítica e política dos sujeitos para sua autonomia no sentido de perceber-se como sujeito que participa ativamente da sociedade que atua. A paisagem é um conceito didático que revela as dimensões existentes no plano da vida, no social, no cultural, no econômico, no político e no religioso. Assim sendo o trabalho de campo se encaixa como uma perfeita ferramenta proporcionando diferentes olhares e percepções.

É importante destacar que o ensino de Geografia de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais tem em um de seus objetivos a organização de conteúdos que permitam aprendizagens significativas (BRASIL, 2001). Neste sentido, essa é uma concepção das teorias de aprendizagem que julga importante considerar os conhecimentos prévios dos estudantes do meio o qual pertencem. Partindo desse objetivo e dos parâmetros que norteiam a Geografia os professores podem definir estratégias que ajudem de maneira prática interpretar fenômenos presentes nas paisagens e o trabalho de campo pode ser aliado a isso.

O ensino de Geografia pode levar os estudantes a compreender de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações de modo não apenas a compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza

as quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar a realidade: O conhecimento. (BRASIL, 2001 p.108).

A Geografia é o caminho e o instrumento que nos impulsiona a estudar e compreender os lugares levando em consideração seus aspectos, sentidos e significados. Ela nos situa no mundo, explica os lugares e suas paisagens, nos estabelece uma comunicação direta com um conjunto de outras disciplinas: Da História às Ciências, da Matemática às línguas.

Esta ciência ampla nos permite compreender a maneira como a sociedade transforma o espaço terrestre em espaço geográfico. Da mesma forma, procura entender como os diversos processos e fenômenos naturais por exemplo a transformação do relevo e dos solos, assim como as cheias dos rios e suas vazantes transformam a paisagem de um determinado lugar e como isso interfere nas atividades humanas.

A Geografia nos auxilia a desvendar as relações existentes entre os seres humanos que se apresentam, por exemplo, nas diferentes formas de trabalho, nas desigualdades sociais ou nas tradições culturais. Ela procura compreender, e compreende fenômenos e processos naturais e sociais, além da interação entre eles.

Neste sentido, a Geografia também possibilita que os sujeitos apreendam de forma crítica e experiencial a realidade-sócio espacial que os cercam, identificando-se como agentes construtores do espaço geográfico, ou seja, reconhecendo que direta ou indiretamente participam das ações sociais e interferem nas dinâmicas naturais. A Geografia desta forma, confere um papel decisivo na formação dos sujeitos cidadãos.

Para tanto é necessária uma aprendizagem significativa, a qual é o produto da informação nova interpretada à luz do que os estudantes já sabem, ou seja, transformar saberes já existentes em saberes mais elaborados. Essa aprendizagem ocorre quando o que se aprende faz sentido. Por exemplo ao analisar uma paisagem, um problema sócio ambiental disposto no material de estudos do estudante, estes temas dispostos devem interagir com a paisagem ou o problema socioeconômico do local de vivência do estudante. Para tanto o professor pode fazer a mediação através da ferramenta do trabalho de campo.

Buscar um processo de ensino aprendizagem mais dinâmico é uma forma de dar sentido ao conteúdo. Neste aspecto o trabalho de campo é importante para relacionar a

teoria apresentada em sala de aula à realidade, além de desenvolver a observação crítica e o espírito científico de investigação.

Para que Serve o Ensino De Geografia?

O ensino de Geografia deve partir do entendimento dos conceitos geográficos, da contextualização, significação e importância dos conteúdos geográficos na vida do estudante, do desenvolvimento do raciocínio espacial, do olhar geográfico e das análises paisagísticas. De conceitos que permitem a concepção de escalas locais e globais e o entendimento da complexidade do mundo, da sociedade e das práticas sociais.

As aulas de Geografia devem exercer um significado, uma importância para a vida do estudante, em que, a partir dos conceitos estudados nas aulas, os mesmos passem a observar a sua realidade, os problemas dos lugares em que vivem, a realizar questionamentos e desenvolver sua capacidade crítica espacial elencando a outras disciplinas como a Biologia, as Linguagens, a Matemática, Filosofia, Sociologia.

Estudar o local de vivência e convivência dos estudantes na ideia de Callai:

Nessa perspectiva, torna-se interessante investigar qual é a identidade desses lugares, a partir dos interesses das pessoas que ali vivem. Reconhecer os valores, as crenças, as tradições e investigar os significados que têm para as pessoas que vivem ali. A cultura, que dá esse conjunto de características às pessoas e aos povos, se expressa no espaço por meio de marcas que configuram as paisagens (CALLAI, 2005, p. 243).

Callai (2003, p. 57-58) ressalta também que a Geografia como ciência social, necessariamente precisa considerar o estudante e a sociedade em que vive. Essa disciplina não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade, nem um amontoado de assuntos, ou lugares (partes do espaço), onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil compreensão pelos alunos e não pode ser feita apenas de descrição de lugares distantes ou de fragmentos do espaço. É preciso que aluno se perceba como participante do espaço que estuda na concepção de Puntel:

Para isso acontecer, para o educando ver sentido no estudo da paisagem, é importante trabalhá-la como algo que está presente na vida de cada um, que faz parte da sua história, algo vivo que está em constante modificação pelas pessoas que ocupam aquele espaço e interagem constantemente com ele, e cada um, direta ou indiretamente, ajuda a construir a paisagem que ocupa. (PUNTEL, 2007, p. 289)

A Geografia é uma ciência atenta entre as interações dos sujeitos e o meio em que vivem. Eles o transformam e se apropriam e em meio a isso está a paisagem como um de

seus conceitos bastante discutido. Nela encontramos todos os aportes para compreendermos o espaço geográfico. Podemos compreendê-la além do que nossa visão abarca, pois nela estão inseridos aromas, sons, sensações que estão contíguos e interligados com cada sujeito. “A paisagem como a expressão materializada das relações do homem com a natureza num espaço circunscrito” (SUERTEGARAY, 2001, p.5). A paisagem se renova se cria e se transforma, formada por objetos de diferentes histórias, identidades, pretensões e ambições.

Ademais, a paisagem pode ser analisada como a materialização das condições sociais de existência. Nela poderão persistir elementos naturais, embora já transfigurados (ou natureza artificializada). O conceito de paisagem privilegia a coexistência de objetos e ações sociais na sua face econômica e cultural manifesta. (SUERTEGARAY, 2001, p.6).

A mesma autora refere-se a paisagem:

De nosso ponto de vista, percebemos paisagem como um conceito operacional, ou seja, um conceito que nos permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja a da conjunção de elementos naturais/tecnificados, socioeconômicos e culturais. Ao optarmos pela análise geográfica a partir do conceito de paisagem, poderemos concebê-la enquanto forma (formação) e funcionalidade (organização). Não necessariamente entendendo forma-funcionalidade como uma relação de causa e efeito, mas percebendo-a como um processo de constituição/reconstituição de formas na sua conjugação com a dinâmica social. Neste sentido, a paisagem pode ser analisada como a materialização das condições sociais de existência diacrônica e sincronicamente. Nela poderão persistir elementos naturais, embora já transfigurados (ou natureza artificializada). O conceito de paisagem privilegia a coexistência de objetos e ações sociais na sua face econômica e cultural manifesta. (SUERTEGARAY, 2001. P 51)

A paisagem pode ser caracterizada como o resultado concreto de todas as dinâmicas, processos, fenômenos e relações de ordem natural, artificial, histórica, cultural e social, que ocorreram em determinada porção do espaço. A partir de uma perspectiva mais voltada para o meio ambiente podemos pensar a história dos lugares, suas dinâmicas e transformações.

De acordo com Carniel, 2018, é na linha do horizonte, no ponto de articulação que liga o céu a terra, que se expressa o desenrolar da vida, o desenvolvimento de espécies animais, vegetais, a dinâmica e complexa interação de diversos seres, de múltiplos atores sociais, seja na densa e fechada floresta, em que a natureza livre demonstra seus arranjos

ou no asfalto quente, rodeado por um paredão de construções e prédios que se expressa a existência, a singularidade de elementos que compõem e dinamizam a paisagem.

A paisagem sempre está presente num território, em que a percepção humana por meio dos sentimentos, lembranças, memórias lhe atribui significados e juízos de valor. A afetividade influencia a percepção, os significados e a valorização da paisagem pelo indivíduo. (CARNIEL, 2018, p. 50).

Para a mesma autora, os conceitos geográficos são ferramentas estruturantes no estudo e análise dos fenômenos espaciais, em que muitas vezes estas categorias se complementam e por equívoco até mesmo se confundem. Mas cada qual possui suas características essenciais na descrição e abordagem da ciência geográfica.

Neste sentido, a paisagem possibilita os sujeitos a analisarem suas realidades, partindo de seu espaço vivido, as paisagens de seus arredores e suas rugosidades, suas transformações no decorrer do tempo.

Uma paisagem viva e que se transformou/transforma no decorrer do tempo. Uma paisagem entre natureza e sociedade (in) tensamente (re) desenhada ao ritmo da história movida pelos homens. Uma paisagem objetiva/visual, mas também subjetiva/emocional. (SOUZA, 2010, p165).

Portanto, o professor de Geografia, deve explorar, instigar e junto com os estudantes analisar estas transformações na paisagem buscando técnicas para possíveis soluções de ordem social e econômica esmiuçando as potencialidades da paisagem.

A partir do olhar, do levantamento dos problemas abordados por habitantes de determinado lugar, podemos entender os principais problemas presentes em seu território, perceptíveis em sua paisagem, como a questão dos recursos naturais, da degradação ambiental. Quais as implicações das transformações paisagísticas ocorridas ao longo do tempo no bem estar da população. Quais as perspectivas sobre o futuro da paisagem. (CARNIEL,2018, p.51).

Para tanto, o ato de ensinar se configura numa tarefa complexa, em que fazem parte múltiplas variáveis e um conjunto de saberes que formam a identidade profissional do professor. O trabalho escolar, centrado na relação professor-aluno, rege o processo de ensino aprendizagem, em que, através da prática docente, o professor adquire saberes profissionais, por meio de experiências, reflexões teóricas, concepções epistemológicas, expectativas, percepções e práticas escolares, que permeiam a ação docente, através de uma multiplicidade de saberes que formam o conhecimento do professor.

Torna-se necessário questionar sobre a eficácia dos saberes, em que muitas vezes o professor precisa ressignificá-los, para que possam ser inseridos e compreendidos durante as aulas e neste sentido precisamos pensar em aulas atraentes que despertem o

interesse dos estudantes e aulas práticas como o trabalho de campo podem ser inseridas no plano de atividades escolares.

A atividade prática oportuniza a aprendizagem em um contexto de mundo real, no qual os alunos desenvolvem o conhecimento específico, adquirem habilidades técnicas e interagem socialmente com professores e colegas. Nota-se que além do desenvolvimento da aprendizagem de conteúdos, os autores defendem a progressão humana do sujeito. O trabalho de campo é um momento para que o aluno adquira autonomia para resolução de problemas (SHAH e TREBY, 2006 apud FARIA, 2019 p.186).

Despertar a noção de autonomia no estudante é importante para o restante da vida escolar e acadêmica, pois além de diminuir a dependência dos adultos que estão ao redor, ele desenvolve raciocínio lógico. (FARIA, 2019, p.186).

A proposta também colabora para que os alunos adquiram conhecimento baseado em observação e desenvolvam habilidades analíticas de pesquisa, tomada de decisão e trabalho em equipe. Ao assumirem o papel de pesquisadores, os estudantes ganham uma primeira noção do que será mais incentivado durante o período da graduação e aprendem a não receber informações prontas. (FARIA, 2019. P. 186).

Para o ensino de Geografia, esta atividade centrada no estudante, faz com que ele se torne mais efetivo e dinâmico, pois sabe-se da potencialidade da matéria e da potencialidade dos estudantes. Quando ligamos a teoria a prática, a Geografia se torna uma matéria prazerosa de aprendizagem apreciada pelos estudantes. (FARIA, 2019 p.186).

Em conformidade com a BNCC, na unidade temática, o sujeito e seu lugar no mundo do sexto ano, o qual iremos apresentar nossa proposta pedagógica está disposto que [... comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e o uso destes lugares em diferentes tempos] (BRASIL,2017. p. 383). Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir da agropecuária e do trabalho humano, também são objetivos dispostos na base.

O entendimento dos conceitos de paisagem e transformação é necessário para que os alunos compreendam o processo de evolução dos seres humanos e das diferentes formas de ocupação espacial em diferentes épocas. Neste sentido, espera-se que eles compreendam o papel de diferentes povos e civilizações na produção do espaço e na transformação da interação sociedade/ natureza. (BRASIL,2017,.p. 379)

A paisagem representa também relações com a natureza e sociedade considerando independente da forma que ocorre esta relação entre ambos. É preciso conscientizar os estudantes quanto a conservação dos espaços naturais para termos recursos para as sociedades futuras. Os impactos gerados nas paisagens reverberam cedo ou tarde através da grande natureza.

CAPÍTULO II: PAISAGEM UMA CATEGORIA ENTRE NATUREZA E SOCIEDADE

Embasamento Filosófico

Na paisagem estão presentes os elementos necessários para compreender o espaço geográfico e a Geografia é uma ciência preocupada com interações entre os sujeitos e o meio, assim como a sociedade e natureza. Este conceito vem sendo estudado pela Geografia desde o século XIX e neste sentido faremos uma análise filosófica do conceito paisagem, por que ao estudá-la por um viés filosófico encontramos diversas argumentações descrições e olhares de autores de diversas dimensões contribuindo muito com a Geografia.

Para o italiano Rosário Assunto, por exemplo, a paisagem possui certos atributos que caracterizam a sua essência estética: A paisagem é sempre o espaço apreendido esteticamente, sempre exterior, aberta, limitada e contendo o infinito como representação. Vários observadores podem interpretar a paisagem a partir de seus respectivos pontos de vista e juízos de valor, mas, sempre a partir desta mesma base estética que acaba sendo geográfica também.

[...] A paisagem é o próprio espaço que se constitui como objeto de experiência e tema de um juízo no nosso caso a partir do momento que a questão da paisagem quer ser, e é, uma questão estética, paisagem é o espaço que se constitui em objeto de experiência estética, e tema de um juízo estético. (ASSUNTO, 2013, p.341).

A paisagem engloba território e o ambiente e é através do ambiente no qual está inserida a paisagem que a percebemos e a contemplamos através de suas cores, cheiros, formas.

No ambiente existe o território acrescido da vida, da história, da cultura: e por isso “ambiente” e “território” não são conceitos por assim dizer intermutáveis; no que diz respeito ao ambiente, o território é a matéria prima, enquanto o ambiente é o território tal como a natureza e o homem o organizaram em função da vida. Querendo, podemos dizer que ambiente é “o território vivo para o homem e vivido pelo homem”, enquanto o território pode ser pensado, estudado e manipulado enquanto tal mesmo que se faça a abstração da vida que “nele vive e do homem que vive esta vida”. Resta, no entanto, ver sob que relação o conceito de ambiente (incluindo nele o território) se encontra no que diz respeito ao conceito de “paisagem”. (ASSUNTO, 2013, p.128).

Partindo da perspectiva de que quanto mais sofisticada e tecnológica a sociedade, mais desenvolvimento e progresso existiriam, indagamos sobre a possibilidade de o quê, ou quais elementos ainda podem ser considerados naturais na paisagem? Pois, “o natural tornou-se um problema, uma realidade inteiramente incerta, problemática” (SERRÃO, 2013, p.18).

Em relação à naturalidade da natureza, CARNIEL (2018) destaca que por vezes acaba por ser representada na própria paisagem, alguns questionamentos são propostos, como: Até que ponto permanece viva a naturalidade da paisagem? Quais as possibilidades que a naturalidade da paisagem ainda oferece? O homem está contribuindo para a manutenção da naturalidade ou por vezes acaba por destruí-la? (CARNIEL, 2018, p.31).

Não tendo a natureza partes no espaço nem cortes no tempo, resta perceber como teria a consciência formado a noção de paisagem, uma vez que esta implica um recorte nesse todo omni-englobante para nele destacar algumas de suas partes, que no entanto apenas existem nesse mesmo momento que as percebe e aprende como “esta paisagem”. (SERRÃO, 2013, p.8).

De acordo com SOUZA (2018), a paisagem sem sombra de dúvidas é um conceito espacial em sua base de significação. A sua constituição, porém, não se dá apenas do ponto de vista espacial e sua apreensão não é exclusivamente dependente da visualidade, ou seja, a paisagem como tudo aquilo que o olhar alcança.

Assim ao falarmos da paisagem, não podemos considerar que é tudo o que a vista alcança, pois se levarmos em conta este pretexto, isso seria muito ou quase nada. Primeiramente, quanto à indefinição do tudo: nesse caso, nossos olhos podem ver muitas coisas, desde pequenas distâncias até as maiores e, igualmente, com relação às características dos objetos, desde os ínfimos aos mais suntuosos. (SOUZA, 2018, p.74)

O problema de denominar a paisagem como tudo aquilo que a vista alcança é duplo por isto: podemos ver em detalhes muitas coisas e também não podemos capturar os detalhes de outras tantas. Nesse momento é que o tudo vira quase nada. A questão principal, entretanto, não chega a ser a quantidade de elementos que se pode elencar através da visada. (SOUZA, 2018. P.74).

O ângulo de visada para a paisagem é sempre aquele capaz de conduzir o olhar à linha do horizonte. Não há paisagem quando se olha diretamente para o céu, tampouco quando se curva a cabeça diretamente para o chão. A paisagem não existe completamente no infinito ou no finito fechado, porque não é possível vê-la na opacidade. (SOUZA, 2018, p 74 e 75).

No escuro, ou na serração fechada não visualizamos a paisagem. A paisagem é um espaço exterior, não há paisagem no interior. O limite da paisagem é dado pelos olhos de quem a observa com a presença do infinito no finito. Isso corresponde a dizermos que há o contato com a infinitude da própria natureza. Outro requisito paisagístico é o horizonte onde há a linha de contato da terra com o céu.

O chão no qual pisamos (finito) e o céu diurno ou noturno (infinitos) são opacos. Sozinhos, os olhos jamais são capazes de ver além da Terra e do Céu sem o auxílio de algum instrumento para cavar ou capturar imagens. Courajoud (2013) afirma ser a paisagem o lugar onde o Céu e a Terra se tocam, e tal afirmação é exemplar por ser tão coerente e correta. A paisagem é uma abertura iniciada pelos olhos e finda na linha do horizonte. E isso, mesmo assim, não a define como tudo o que a visão alcança no território (SOUZA, 2018, p. 77).

A paisagem não é espaço, mas, ela acontece no espaço. Ela é um conceito espacial e por ser um conceito espacial não pode ser considerada espaço por que este é mais amplo do que a paisagem. O espaço atravessa em tudo. Inferindo através disso, a paisagem está relacionada com a emergência estética do espaço, ou seja, aquela que me permite visualizar. Um espaço fechado, mesmo que for estético e represente o infinito não se caracteriza como paisagem.

No entanto, quando Assunto ([1974] 2013) inverte a relação paisagem/espaço na relação sujeito-predicado e chega na afirmação “o espaço é paisagem”, então, o filósofo evidencia que tal afirmação não é verdadeira. Isto porque o espaço vai além da própria paisagem. (SOUZA, 2018 P. 77)

[...] O céu é espaço, mesmo do ponto de vista estético, mas ao qual ninguém arriscaria chamar de paisagem-poderemos com segurança afirmar que nem todo espaço é paisagem e que a paisagem é espaço, embora não apenas espaço, pois o conceito de paisagem inclui notas que não são próprias do conceito de espaço enquanto tal. (ASSUNTO, 2013, p.344).

A paisagem possui particularidades e requisitos paisagísticos. Para ser paisagem é preciso ter as condições fundamentais apontadas por Assunto (2013 [1973], p. 341): espaço aberto/exterior, limitado, mas conectado ao infinito. A natureza é infinita, aberta e exterior, porém também é fechada, limitada, e está nos interiores. Assim sendo, a paisagem não é toda a natureza, pois contém a natureza como elemento constitutivo junto com os outros anteriormente mencionados (abertura, exterioridade, limite, ligação com o infinito). (SOUZA, 2018, p. 88).

A natureza é a matéria da paisagem. Não são sinônimos pois a natureza é mais ampla que a paisagem. Acerca disso Souza assevera que:

A paisagem tem natureza, e a representação de uma paisagem carrega em si uma representação de natureza. Entretanto, se nos perguntarmos

se a natureza é paisagem, a resposta para esta questão será negativa. Entre os dois conceitos existem elementos residuais que merecem ser destacados a fim de não adentrar em confusões perigosas. A natureza não é paisagem porque ela compreende a paisagem apenas como uma de suas expressões. (SOUZA, 2018, p.88)

Partindo da análise do geógrafo norte americano, Carl Sauer (1988) o qual destaca que para o entendimento de paisagem a interação entre os elementos naturais e antrópicos é indispensável, no sentido de que são projetadas duas formas de natureza, uma antes da apropriação e outra após.

O mesmo autor afirma que a paisagem é uma representação histórica e geográfica, composta por diversos elementos, com diferentes escalas e temporalidades. Podendo ser entendida, através de duas abordagens, a naturalista, que concebe a paisagem como resultado da ação antrópica, retratando somente os impactos do sujeito na natureza. Preferimos esta abordagem por que os sujeitos como seres dotados pela razão conseguem gerar impactos significativos na paisagem diferenciando dos outros animais e fazendo-o transformador da natureza através de suas pretensões.

Michel Corajoud defende a seguinte afirmação “A paisagem é o lugar onde o céu e a terra se tocam” (CORAJOUD, 2013, p.215). Esta afirmação apesar de ser de embasamento filosófico, possui uma reflexão geográfica, pois “o lugar onde o céu e a terra se tocam”, é a superfície, o espaço geográfico, a linha do horizonte em que acontecem as dinâmicas da vida, as relações e o desenvolvimento das atividades humanas que moldam e transformam paisagens.

O mesmo autor ressalta também que “A paisagem é inesgotável no sentido em que oferece uma multidão de indícios que nos indicam o que ela é, o que ela era e o que pode se tornar” (CORAJOUD, 2013, p.217). Ou seja, quando observamos a paisagem e a analisamos somos levados a refletir suas transformações ao longo do tempo através de marcas deixadas pela sociedade. A paisagem é uma fonte completa para a Geografia e as demais áreas como a Arquitetura, a Biologia e as engenharias.

Sobre as paisagens do campo Courajoud, (2013) as destaca como substanciais e nelas estão inseridos povos, que com suas dinamicidades fazem uso da terra e a fazem produzir para sustentar as necessidades.

Em primeiro lugar, porque parece efetivamente ser na experiência da paisagem feita, arquitetada, pelo homem que nos são dadas todas as formas de conhecimento acerca da natureza; esta, sem dúvida, nunca teria significado nada para nós se não tivéssemos agido sobre ela. Mas, sobretudo, porque as alianças formais dessas paisagens dizem muito

sobre as interdependências que mantêm o homem e o mundo em estreita coabitação. Dão testemunho, em leitura direta, da soma dos esforços que foram necessários para o cultivo de um território que a isso se recusava... as astúcias...as audácias. Todos estes contornos traduzem o próprio corpo do camponês nas disputas com essa terra que lhe impôs limiares insuperáveis.” (CORAJOUR, 2013, p.220)

Assim ao estudar a paisagem por um viés filosófico, encontramos diversas argumentações, descrições e olhares sobre este campo de estudo, que muito tem a contribuir com a Geografia e as análises paisagísticas, com trabalhos de vários autores de embasamento filosófico que abordam a paisagem em diversas dimensões e pontos de vista.

Ao voltarmos nosso olhar sobre a paisagem, precisamos aguçar e estender nossa percepção aprendendo-a também por meio dos sentidos e da mente para mensurarmos suas dimensões.

Embasamento Geográfico

A paisagem pode ser caracterizada como o resultado concreto de todas as dinâmicas, processos, fenômenos e relações de ordem natural, artificial, histórica, cultural e social, que ocorreram em determinada porção do espaço. A partir de uma perspectiva voltada para o meio ambiente podemos pensar a história dos lugares, suas dinâmicas e transformações.

Bertrand (1971) traz a ideia de paisagem como uma combinação dinâmica e variável dos elementos físicos, biológicos e antrópicos que agindo entre si formam um conjunto em perpétua evolução. Sociedade e natureza estão integradas formando uma única entidade no espaço geográfico em constante processo de dissolução e substituição. Ele se refere à paisagem como uma escala de análise representando assim uma tipologia dinâmica seguindo uma classificação superior e inferior:

Foi necessário montar todas as peças das unidades globais inferiores à região natural. Após numerosos ensaios, forjaram-se três entidades novas: o ecossistema, o geofácies e o geótopo. Estes termos têm a vantagem de não terem sido utilizados, de serem construídos num modelo idêntico e de evocar cada um o traço característico da unidade correspondente. Na verdade geo “sistema” acentua o complexo geográfico e a dinâmica de conjunto; geo “fácies” insiste no aspecto fisionômico e geo “topo” situa essa unidade no último nível da escala espacial. (BERTRAND, 2007, p.15)

A paisagem é um conceito fundamental na Geografia em virtude de sua contiguidade com os demais conceitos como lugar, com o mundo dos sujeitos, de seus costumes, seus entendimentos e suas experiências. É necessário ressignificar esta

disciplina nas escolas haja visto que está cada vez mais depreciada em relação a outras disciplinas como as linguagens e as exatas, por exemplo.

Pouco percebemos também, a presença dos conceitos na Geografia. Menciono isso por que tive experiências em escolas na rede urbana e rural, ficando as aulas empobrecidas e os conteúdos parecem ficar incongruentes. Por isso ao trabalhar determinados conteúdos é importante mencionar as categorias de análise em que se enquadram. A paisagem pode ser uma categoria capaz de dar sentido aos conteúdos da Geografia por que é na paisagem que esses conteúdos se tornam didáticos.

O conceito de paisagem é bastante abrangente, podendo ser elencado à maioria dos conteúdos da Geografia uma vez que engloba pluralidades variando de acordo com a percepção de cada ser humano. Pensar em paisagem traz uma reflexão ampla sobre sua caracterização e contemplação, desde os aspectos sociais, históricos à negação da paisagem.

Na perspectiva de Milton Santos, a paisagem é descrita como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. [...] A paisagem é um conjunto de formas heterogêneas de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas de construir o espaço. (SANTOS, 2006. p.40.)

A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia, é objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas. Tudo hoje se situa no campo de interesse da história, sendo, desse modo, social. (SANTOS, 1998, p.23).

Conforme a Carta Brasileira da Paisagem (2012):

A paisagem compreende a combinação do ambiente abiótico, biótico e sociocultural como ambiente material que está atrelado ao componente imaterial expresso pela capacidade da percepção humana que dá significado e sentido estético. Portanto, a espécie humana é a única capaz de reconhecer na natureza e em suas obras antrópicas, a paisagem em seu sentido pleno. (CARTA BRASILEIRA DA PAISAGEM, 2012, p.2)

A paisagem como uma formação híbrida composta por fenômenos híbridos como a natureza, a cultura, a multiplicidade de relações e fatores que a impactam. “Espaço, território, paisagem, lugar, ambiente, etc. são produtos/ processos que resultam/ irrompem nos limiares entre natureza e cultura. (SOUZA, 2010, p.157)

De acordo com Vitte (2007) a abordagem geográfica de paisagem pode ser compreendida enquanto uma categoria social por que é construída dentro de um processo histórico de uma cultura que se apropria da natureza de acordo com suas técnicas em favor as suas ambições. (2007, p. 71).

Isso significa dizer que uma discussão sobre a categoria paisagem remete-nos ao processo de institucionalização da geografia como ciência, ciência essa que elege a superfície da terra em seus aspectos físicos e humanos o campo de estudo. Assim, o objetivo da geografia seria o de produzir uma imagem sintética da Terra (GOMES, 1996), na qual a cultura e a natureza formariam um conjunto integrado, articulado e espacialmente diferenciados na superfície do planeta. Estes conjuntos poderiam ser caracterizados como sendo paisagens, regiões ou lugares, cada qual com uma *personalidade*. (VITTE, 2007, p.72).

Sobre a constituição terminológica deste conceito, o mesmo autor afirma que a qual se originou em meados do século XVI relacionada ao conceito de *Pais*, atribuindo o sentido de região, território, nação;

Em hebraico, o vocábulo *nofl* (paisagem) está relacionado com *yafe*, que significa algo maravilhoso, aparecendo pela primeira vez no Livro dos Salmos (48:2). Na língua inglesa, o termo *Landscape* (paisagem) é derivado de *landscip* que surgiu no século XVI, dizendo respeito a organização dos campos, enquanto que *scenary* significa cenário, panorama. Em holandês escreve-se *landschap*, originado do vocábulo germânico *landschaft*, que significa uma unidade de ocupação humana, uma jurisdição (CHRISTOFOLETTI *et al apud* VITTE, 2007, P. 72).

Sobre a constituição etimológica, Vitte (2007), chama a atenção sobre sua relação com o espaço denominado *Land* identificando:

[...] uma estética-fenomenológica, na qual a paisagem corresponde a uma aparência e uma representação; um arranjo dos objetos visíveis pelo sujeito por meio de seus próprios filtros. Uma outra conotação pode ser caracterizada como geopolítica, designando uma unidade territorial onde se desenvolve a vida de pequenas comunidades humanas. Uma outra perspectiva na temática da paisagem refere-se à sua origem mitológica. (VITTE, 2007, p. 72)

Para Besse, a paisagem deve ser definida como meio natural e cultural em sua totalidade em um viés naturalista afirmando que:

A paisagem é ao mesmo tempo, e essencialmente, totalmente natural e totalmente cultural. É o elemento onde a humanidade se naturaliza e onde a natureza se humaniza (e se simboliza). É o que invalida, no fundo, por princípio, qualquer abordagem unilateral da paisagem, seja ela antropocêntrica ou „naturalista”: a paisagem deve ser definida, mais rigorosamente, como meio. [...] qualquer que seja a valência ontológica particular que se atribui à paisagem (natural, cultural, híbrida), é possível concebê-la como uma realidade em parte (e numa medida que pode ser grande) independente das representações e das ações humanas (o que nem por isso faz dela uma pura e simples realidade natural”, vale a pena repetir). (BESSE, 2014, p. 41-42)

Ressalta também, que não é somente pela estética que temos que interpretar a paisagem. É também, pela sua amplitude e dinamismo no sentido de como ela é usada e

apropriada pela sociedade “[...] a paisagem é um espaço organizado, isto é, composto e desenhado pelos homens na superfície da Terra; a paisagem é uma obra coletiva das sociedades que transformam o substrato natural” (BESSE, 2014, p.28).

A paisagem representa as relações sociais, as transformações do mundo, o encontro dos seres humanos com o meio que vivem.

A paisagem é o ponto chave, de encontro entre as ações humanas e as dinâmicas naturais, uma realidade espaço temporal. É a percepção da sensibilidade do mundo, das experiências da vida, não apenas no traçado visual, mas pessoal, emocional, social, a aproximação do homem com o mundo, com a interpretação do meio em que vive. A experiência paisagística é proporcionada pelo corpo através do olhar, do toque, das sensações, sendo a vida que torna a paisagem uma experiência. (CARNIEL, 2018 p. 56).

Para compreender as transformações paisagísticas é preciso investigar o horizonte criticamente se apropriando de nossas sensibilidades humanas e assim elaborar nossas opiniões indo além do aparente, do visual. [...o estudo da paisagem e ou suas representações é um modo de pensamento, de percepção, em que é preciso ir além do aparente, do visual, para descobrir sua razão de ser, sua organização na vida social, estudar suas categorias, seus diversos discursos entre a estética, a filosofia e a geografia] (CARNIEL, 2018 p.52).

A paisagem nos permite identificar fatores sociais e econômicos de determinado lugar, as rugosidades deixadas por diferentes povos, cada qual com sua maneira de produzir construindo e desconstruindo a paisagem assim ela é [...] um conceito que nos permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja o da conjunção de elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais. (SUERTEGARAY, 2001, s/p).

Frente as atribuições da paisagem e sua plenitude e a visão é o sentido que a contempla “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem (...). Não apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (SANTOS, 1988. p. 61). Para contemplar este conceito precisamos ver a paisagem, e, o trabalho de campo é uma ferramenta eficaz para tanto.

CAPÍTULO III: O TRABALHO DE CAMPO UMA PRÁTICA DE VALORIZAÇÃO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

A importância do trabalho de campo para a ciência geográfica

Assim como qualquer outra atividade que propõe promover a aprendizagem, o trabalho de campo precisa ser previamente planejado dentro de uma proposta pedagógica viável, para que o mesmo possa ter êxito e alcance o resultado desejado.

Em campo os sujeitos praticam principalmente a observação dos diferentes espaços, orientados pelos conceitos trabalhados e desenvolvidos em sala de aula. Portanto, o campo torna-se, em certa medida, uma extensão da sala de aula, bem como, o laboratório de pesquisa do estudante, uma vez que, fora da sala de aula física, o estudante usará de técnicas de observação e manuseio de instrumentos para captar e elaborar a descrição e a interpretação da realidade em análise e foco do objeto de investigação.

A Geografia faz parte de uma grade escolar de disciplinas, onde professores e alunos estão ocupando um lugar de aprendizagem, proporcionando aos professores uma situação de mudança em sala de aula. Para tanto, o professor que está comprometido com a renovação pedagógica, organiza o seu planejamento de modo que as ações sejam efetivas e competentes, ocupando vários lugares, como é o caso do trabalho de campo. Por meio dessa mudança, o professor de geografia será capaz de orientar, de observar e de registrar as leituras e os entendimentos de cada um. Também, por meio deste acompanhamento, o professor será capaz de identificar e valorizar as potencialidades apresentadas por cada aluno, interferindo de maneira a auxiliar nas dificuldades, favorecendo as possibilidades de aprendizagem e de construção de conhecimentos. (CIOCCARI, 2013. p.29)

E ainda, será na aula de campo que estes terão condições para desenvolver a análise geográfica *in loco*, objetivando compreender a integração dos diferentes conceitos, elementos e processos que envolvem a produção do espaço geográfico.

Conforme CALLAI (1988)

Vale lembrar aqui que durante o tempo em que se desenvolve todo o processo do trabalho de campo (planejamento, execução, análises e relatórios), o professor deve ter a preocupação constante de situar a atividade que está sendo desenvolvida dentro do contexto dos objetivos pelos quais estão sendo desenvolvidas as tarefas. Isto é necessário para se evitar o “fazer pelo fazer” apenas.

O próprio município o qual os estudantes residem representam um importante campo para a aprendizagem, pois o estudante, próximo a seu local de vivência percebe-se como produtor deste espaço. Para CALLAI (1988) “estudar o município é importante

e necessário para o aluno, na medida em que ele está desenvolvendo o processo de conhecimento e de crítica da realidade em que está vivendo”

Os conteúdos de Geografia expostos no livro didático utilizado na escola, valorizam as paisagens e fenômenos distantes da realidade do estudante, em detrimento das experiências vividas, fazem-se descrições que não parecem ser o mundo em que se vive, o grande desafio é tornar as coisas mais concretas e mais reais. (CALLAI 2001).

Estudar as paisagens do município que o estudante reside, permite uma condição efetiva de realidade não causando estranhezas e os conteúdos são significados por uma prática da realidade. Sobre a visita dos lugares e fatos que cercam o cotidiano do estudante, Ciocari assevera que:

A aprendizagem cognitiva se fundamenta nos elementos de natureza intelectual que se ocupam da promoção do interesse do aluno a partir da interação dele com fatos de sua realidade vivida e/ou percebida. Nesse processo mental de aprendizagem, o aluno desenvolve sua capacidade de percepção, de atenção, de raciocínio e de abstração para poder transformar as informações em conhecimentos e, com isso, reelaborar suas compreensões sobre o mundo que o cerca. (CIOCCARI, 2013 p. 18)

Por diversas vezes, ouvimos que a Geografia deve auxiliar a compreender o mundo, mas, como sabemos a dimensão de mundo é numa escala global imensa, que permite diversos olhares e percepções. É nesta complexidade infinita que a Geografia escolar está encarregada de mediar aos educandos, em que deve tratar da economia, da política, dos conflitos, da história, da sociedade, do ambiente, da cultura estando presente a essencialidade da Geografia escolar.

Pensando nisso, não seria a paisagem a primeira e melhor forma, por ser visível, a porta de entrada para a abordagem dos principais temas geográficos tanto físicos quanto humanos? Ao contemplar a paisagem *in loco* o aluno amplia suas possibilidades de aprendizagem pela sua própria imaginação aliada a sua sensibilidade. (CIOCCARI, 2013 p. 19).

Mas, como se dá o processo de ensino aprendizagem em Geografia a partir do trabalho de campo? Primeiramente ele é uma ferramenta de prática que coloca os alunos em contato com a realidade de fenômenos e fatos geográficos possibilitando a comprovação dos mesmos. Nesta perspectiva Ciocari, (2013) afirma que:

É neste sentido que estas perguntas remeteram a um questionamento da própria prática pedagógica, uma vez que ela pode simplesmente servir para transmitir conhecimentos já prontos e tidos como verdadeiros, ou então, construtores dos conhecimentos pela observação da realidade,

análises e críticas dos eventos na vivência do mundo e articulador de teorias anteriormente produzidas. Assim, percebemos que o trabalho de campo permite além da crítica ao conhecimento científico e escolar, uma retomada da própria prática pedagógica no sentido de tornar seres pensantes e analíticos, alunos e aprendizes professores. CIOCCARI, 2013, p. 19).

A Geografia é uma disciplina escolar na qual estão inseridos professores e estudantes com objetivo de aprendizagem. Aos professores cabe o comprometimento da renovação de práticas pedagógicas planejando suas aulas de modo efetivo e competente e o trabalho de campo se insere como uma ferramenta eficaz favorecendo possibilidades de construção de conhecimentos.

Associar a Geografia a outras disciplinas, proporciona uma visão holística dos conteúdos, uma vez que o estudante elucida desafios propostos elencando-os a paisagem levando-os ao conhecimento e entendimento do contexto social que está inserido.

O entendimento da influência da sociedade na vida dos sujeitos, de acordo com Kaercher (2003) é de fundamental importância e deve se aproximar ao máximo de suas vidas.

Os espaços são desiguais e isso não pode ser visto apenas como obra da natureza. Compreender as desigualdades sociais e espaciais é uma das grandes tarefas da Geografia, para que a ciência instrumentalize as pessoas a uma leitura mais crítica e menos ingênua do mundo, que desemboque numa participação política dos cidadãos a fim de que possamos ajudar a construir espaços mais justos e um homem mais tolerante e solidário (KAERCHER, 2003, p.174).

Com uma discussão que envolva conceitos fundamentais, como o espaço vivido de suas comunidades, os sujeitos se tornam capazes de entender seu cotidiano de forma mais crítica e reflexiva. A visão do local clareia as diferenças, fazendo com que se percebam as desigualdades, revelando escalas locais e a partir dessa postura conseguem transpor escalas no âmbito mundial e regional.

No trabalho de campo, cria-se questionamentos aguçando as curiosidades, abstraindo as causas de fenômenos ocorridos naquele local e se constrói opiniões mas é importante que esteja bem esclarecido nas aulas pré campo este conceito.

A aula de campo é um rico encaminhamento metodológico para analisar a área de estudo (urbana ou rural), de modo que o aluno poderá diferenciar, por exemplo, paisagem de espaço geográfico. Parte-se de uma realidade local, bem delimitada para se investigar a sua constituição histórica e as comparações com os outros lugares, próximos ou distantes. Assim a aula de campo jamais será apenas um passeio, por que terá importante papel pedagógico no ensino de

O trabalho de campo pode ser entendido como estratégia de aprendizagem quando ele acontece para a construção do conhecimento, quando o estudante é o protagonista desta construção se apropriando de sua percepção e observação relacionando a partir dali os conteúdos estudados na sala de aula assimilando-as.

Planejamento do Trabalho de Campo

De acordo com Ciocari (2013) para o desenvolver o trabalho de campo é necessário planejá-lo com antecedência, a fim de adequá-lo ao conhecimento prévio do aluno. Contudo, é preciso que os alunos participem deste planejamento, opinando para que a atividade satisfaça aos seus anseios e suas curiosidades, tornando-a, assim, importante e relevante para todos os agentes envolvidos com a realidade.

É primordial que o trabalho de campo seja confortável e agradável para todos os agentes envolvidos, como alunos e também professores. Temas gerais pertinentes ao estudo da ciência geográfica que são previamente trabalhados em sala de aula, no decorrer do campo serão relacionados à realidade presente e ao cotidiano dos alunos, intermediando o dia-a-dia com o conhecimento do senso comum e, por fim, com os significados que farão parte do seu aprendizado. (CIOCCARI, 2013p.38).

No trabalho de campo podem ser abordadas inúmeras questões, dentre elas a paisagem, ressignificando este conceito a partir da conexão entre conhecimentos científicos formais e senso comum prático da vida cotidiana. Num trabalho de campo são abordadas várias questões, entre as que podemos citar a topografia, a paisagem, as variações de tempo e de temperaturas, a cobertura vegetal, os problemas ambientais, os gêneros de vida e as ações antrópicas.

Mas além da exposição de um conhecimento racional prévio sobre a realidade, torna-se necessário explorar a observação e a percepção de cada um, no sentido de dar importância relevante às representações práticas que tais alunos apresentam dos fenômenos antes captados pelo conhecimento formal. A reflexão sobre os trajetos e as discussões estabelecidas em campo torna-se ponto culminante à expressão espontânea destes sujeitos agentes da construção do conhecimento.

De acordo com Tomita (1999), ao planejar um trabalho de campo deve-se destacar os pontos essenciais envolvendo professor e estudantes. Ao professor cabe indagar: Onde ir? Qual o conhecimento prévio da área? - Quais os objetivos propostos? - Como ir? Quais

os conteúdos geográficos? Tem o domínio do conteúdo? Tem domínio dessa técnica de trabalho? - Fez o planejamento prevendo os detalhes? Os alunos estão suficientemente preparados para essa atividade? - Que atitudes (forma de pensar e agir) espera dos alunos? Como avaliar, ao longo da atividade ao seu término, se houve aprendizagem? (TOMITA, 1999, P.14).

Aos estudantes cabe preparar (com o professor): O que é trabalho de campo? Para que serve? Para que realizar? - Onde ir? O porquê dessa escolha? - Como ir? - Quando realizar? O que levar? Quais os equipamentos? (TOMITA, 1999, p. 15).

É importante que as atividades de campo sejam desenvolvidas por um profissional formado na área de Geografia quando se tratar de atividades desta matéria. Assim o campo alcançara seus objetivos terá a finalidade de conhecer, observar, descrever, interpretar, analisar, compreender e representar (CALLAI; MORAES, 2017) o objeto/área de estudo.

A aula pré campo se constitui a primeira etapa do trabalho de campo, e é entendido como a fase de definição dos objetivos, organização e planejamento das atividades a serem desenvolvidas (VENTURI, 2011). Dessa forma, compreende a investigação prévia da área de estudo, organização de roteiro a ser seguido, seleção de referenciais teóricos e mapas que contribuem para a leitura geográfica e cartográfica dos fenômenos.

Já, a atividade de campo, em sua excelência, envolve o contato com a realidade do objeto a ser conhecido/investigado (VENTURI, 2011). Uma vez efetuado a etapa anterior, em sala de aula, o campo será o local selecionado onde o professor/ pesquisador irá, por meio do desenvolvimento de técnicas ou intermediado por estas, coletar e/ou observar o seu objeto de estudo.

Na formação do profissional em Geografia, o campo também é entendido para além da coleta de dados e informações para a pesquisa científica. Neste caso, o campo se constitui como aula, na qual o estudante, acompanhado do professor percorrerá diferentes ambientes e localidades, sejam elas focadas em aspectos naturais, urbanos, rural ou dependendo da temática e objetivo da atividade a ser desenvolvida.

Desta forma, os estudantes praticam principalmente a observação dos diferentes espaços orientados pelos conceitos trabalhados e desenvolvidos em sala de aula. Portanto,

o campo torna-se, em certa medida, uma extensão da sala de aula, bem como, o laboratório de pesquisa do aluno, uma vez que, fora da sala de aula física, em que o estudante usará de técnicas de observação e manuseio de instrumentos para captar e elaborar a descrição e a interpretação da realidade em análise e foco do objeto de investigação.

E ainda, será na aula de campo que o aluno terá condições para desenvolver a análise geográfica *in loco*, objetivando compreender a integração dos diferentes conceitos, elementos e processos que envolvem a produção do espaço geográfico.

A terceira etapa, envolve a aula pós campo, sendo o local físico no qual serão desenvolvidas atividades posteriores ao campo como, por exemplo, análise, compreensão e representação das informações coletadas na etapa do trabalho de campo (VENTURI, 2011). Estas serão geralmente refletidas através da produção de um relatório de campo, que explicitará as relações estabelecidas entre os conceitos científicos e as análises em campo.

O campo para a ciência geográfica, permite um estreitamento entre teoria e prática e o professor deve manter-se como um elo de motivação, instigando os estudantes fazendo perguntas para aguçar suas curiosidades demonstrando a importância desta atividade e elencando-a a aula teórica como um complemento, bem como, a aula após o campo colocando em confronto as informações coletadas.

Sobre a progressão do trabalho de campo, praticar a saída de campo é antes de tudo ter uma visão global daquilo que se estuda. Neste sentido Claval 2013, p. 17 assevera que os geógrafos consultam mapas que levam consigo e podem desta forma encontrar os nomes dos acidentes geográficos, aldeias, ou fazendas que descobre. Os mapas geológicos revelam a influência do substrato rochoso na topografia.

Proposta pedagógica para uma oficina de trabalho de campo

A proposta se origina da preocupação de desenvolver uma metodologia para implementação da ferramenta de trabalho de campo no ensino fundamental anos finais para ligar a teoria presente nos livros didáticos com a prática. A escolha neste caso é do 6º ano por se tratar de adolescentes com características peculiares, extrovertidos e

questionadores. De acordo com observações no período dos estágios, o fazer pedagógico nesta fase da vida, requer um ensino dinâmico e significativo.

Observar e compreender que a paisagem ali presente é resultado de relações sociais e econômicas, de relações humanas, de processos de transformação fazendo o estudante sentir-se autor do meio desenvolvendo sua criticidade.

O objetivo é levar os estudantes do 6º ano ao debate sobre as razões da realização do trabalho, bem como contribuir para definição dos elementos a serem levantados e mensurados. Por exemplo: Todos os moradores da cidade têm a mesma vista da paisagem? Quais transformações percebidas que os seres humanos fizeram para suprir suas necessidades ou ambições?

Para tanto, antes do trabalho de campo é necessário realizar algumas situações de ensino-aprendizagem que esclareçam o que é o trabalho de campo a partir do conceito de paisagem dentro desta nossa perspectiva que considera dois embasamentos: o filosófico e o geográfico.

Para tanto, teremos de lançar mão de dois dispositivos tecnológicos em um primeiro momento: computador e aparelho de Datashow em sala de aula. Vamos elencar a animação Platão-Mito da Caverna presente do endereço do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=sCaxAvAFG0A>.

Com esta animação, provocaremos os estudantes a pensar que o mito da caverna é uma alegoria paisagística, ou seja, uma forma diferente de pensarmos como muitas vezes somos levados a pensar de maneira errada sobre aquilo que julgamos ser a realidade. Então, é preciso deixar claro aos estudantes que o trabalho de campo serve para revelar-nos o mundo através da libertação da nossa visão e da nossa consciência através da paisagem!

A seguir, apresentamos uma captura de frame e um quadro explicativo daquilo que concebemos como a dimensão pedagógica geográfica do mito da caverna e sua relação com os embasamentos da paisagem que tratamos em nosso referencial teórico:



O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO	
O que é a ilusão?	É o mundo das ideias. Na caverna os homens só viam as imagens distorcidas e acreditavam ser verdadeiras. As sombras que os homens viam eram apenas cópias imperfeitas da mínima parcela da realidade.
O que é a verdade?	É o mundo inteligível, o mundo da busca pelo conhecimento da verdade. Os homens da caverna estavam presos a imagens e sombras e até preconceitos e superstições pensando que aquele era o mundo verdadeiro.
O que é o conhecimento através dele?	A alegoria da caverna é uma forma de atribuir sentido ao mundo na busca pela verdade. Através da alegoria, o educador

	<p>pode influenciar o estudante a sair de sua zona de conforto e faz-lo buscar conhecimento despertando assim uma consciência crítica em que ele crê com a responsabilidade de pensar e refletir sobre a realidade, gerando debates e buscando soluções.</p>
<p>O que pode ser a paisagem através dele?</p>	<p>De dentro da caverna não há paisagem porque não existe paisagem interna, a não ser uma metáfora. O sair da caverna é a paisagem porque o homem que se soltou das correntes viu o externo, aberto e o horizonte que são requisitos paisagísticos, como mencionado no decorrer deste trabalho.</p>
<p>O que o professor pode pedir aos estudantes como atividade através deste vídeo e relacioná-lo com a atividade de campo?</p>	<p>O mito da caverna refere-se a situação do ser humano frente ao conhecimento e nele Platão tenta explicar a existência de dois mundos. São eles: o mundo da sensível no qual o conhecemos através dos sentidos e o mundo inteligível o qual só é alcançado perante a razão. Podemos relacionar esse mito com as cavernas que encontramos na sociedade que por comodismo ou alienação estamos submersos a elas. Ao realizarmos o trabalho de campo se deparamos com a realidade. Podemos fazer uma reflexão com os estudantes relacionando a sala de aula com a caverna, quando ocorre a comprovação dos fatos como acontece no campo, é um sair da caverna.</p>

Então, a partir disso, vamos analisar a paisagem no perímetro urbano de um município e para tanto o significado do trabalho de campo, do conceito paisagem, natureza e sociedade precisam estar previamente esclarecidos antes da saída de campo. Para fins desta proposta, vamos considerar as seguintes definições a serem esclarecidas com os estudantes:

Natureza	<p>A natureza não é paisagem “é necessário o chão onde se pisa e o horizonte composto pelos objetos dispostos ao olhar, além do contato com o céu, ou seja, a abertura para o infinito no espaço limitado.” (SOUZA) p.83.</p> <p>A natureza é mais ampla que a paisagem e ela está em toda parte. A natureza é um elemento que constitui a natureza. Ela é interna e externa.</p>
Sociedade	<p>Conjunto de pessoas que convivem e habitam um período de tempo e espaço e seguem um padrão de coletividade que se apropriam dos recursos naturais e transformam a natureza para a sua sobrevivência. Já outras pessoas a transformam em bens materiais de acordo com suas ambições.</p>
Paisagem	<p>É onde o céu e a terra se tocam e isso traz em si um enlace complexo entre horizontalidade, verticalidade, finito e infinito, onde acontecem as dinamicidades. Composta do espaço geográfico e natureza, sempre exterior.</p>

	Vida humana e conhecimento. Paisagem é materialidade unificada entre a sociedade e a natureza.
Trabalho de campo	Observação e análise in loco de determinado local e seus componentes naturais ou artificiais. Dimensão da sala de aula o qual une a teoria e a prática contemplando a aprendizagem.
Geografia	Ciência ampla a qual permite estudar o mundo. A Geografia como disciplina plena, contempla as relações da sociedade com a natureza, suas dinâmicas e transformações apreendidas através de seu objeto de estudo que é o espaço geográfico.

A metodologia considera a idade dos estudantes e o objetivo para este campo é a análise da paisagem e os elementos que a compõem no município no qual os estudantes residem. Apropriando-se de um recorte no centro da cidade, apresentado através de mapa que efetive e contemple a pesquisa.

A paisagem será analisada do ponto de vista de cada estudante. “Os conteúdos de Geografia tendem a valorizar as paisagens e fenômenos distantes da realidade do aluno, em detrimento das experiências vividas, fazem-se descrições tão impessoais que não parecem ser o mundo em que se vive, o grande desafio é tornar as coisas mais concretas e mais reais. ” (Callai, 2001 p 45.)

Espera-se que nesta proposta eles percebam a problemática da paisagem como a segregação, degradação e o direito à paisagem considerando também aspectos sociológicos e históricos.

O docente poderá, através da identificação das problemáticas geográficas, confrontá-las com a “descoberta” paisagística do mundo presente no mito platônico, tais como nos seguintes exemplos:

Problemáticos exemplares	Visão de dentro da caverna	Visão de fora da caverna
Desigualdade social	O mundo sempre foi dividido entre quem manda e quem obedece.	A atividade econômica beneficia uma pequena parcela das pessoas que exploram o trabalho das outras para ter lucros.
Desmatamento	O desmatamento é necessário para construir o lugar para viver. É preciso desmatar para desenvolver a economia.	O desmatamento prejudicou ecossistemas degradando as paisagens fazendo desaparecer rios. O desmatamento provoca sérias alterações no ritmo da vida. Existem desmatamentos que podem ser evitados caso existisse uma boa prática de ordenamento territorial e sustentabilidade.
Condomínios fechados	As pessoas que moram ali são privilegiadas por que tem dinheiro.	A infinidade de mundo e da natureza que existe fora do condomínio. As desigualdades no padrão de moradia não se dão por uma dádiva divina para aqueles que trabalharam e puderam morar em mansões em condomínios fechados. O espaço de vida se tornou uma mercadoria e seus preços são muitas vezes excludentes.
Trabalhadores Sem teto	Eles sempre existiram. Vivem nas ruas por que querem ou gostam. São “vagabundos” e não querem trabalhar para pagar a casa própria ou são” invasores “dos imóveis alheios.	Há a necessidade de políticas públicas para diminuir a desigualdade do mundo. De governantes que façam política com sabedoria e justiça. A especulação imobiliária é crescente na cidade, o espaço é uma mercadoria com preços excludentes. Muitos não tem onde morar enquanto existem vários imóveis fechados, sem uso

		porque seus proprietários nem precisam deles.
Trabalhadores Sem terra	Esses são os baderneiros, desocupados vistos como pessoas que querem tirar os bens dos grandes fazendeiros.	Um mundo de mais equidade, igualdade e cooperação com nossos semelhantes. Como professores de Geografia nos cabe a tarefa de educarmos e instruímos nossos estudantes quando na escolha dos nossos representantes políticos pesquisando sobre sua formação, seus objetivos. Não somente crer e se prender nos sentidos mas procurar descobrir o que está por trás das aparências, do preconceito do senso comum.

Imagem 1: Desigualdade social.



Fonte <https://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/desigualdade-nos-mantem-na-pobreza/>

Nesta charge, temos uma forma de abordagem acerca das questões sociais que o professor pode utilizar em suas aulas. A escolha das imagens fica a seu critério levando em conta o contexto escolar e a realidade dos estudantes. A Geografia é capaz de mostrar que a desigualdade é o principal fator que nos mantém num patamar de país subdesenvolvido desde sempre. A Geografia contribui muito para esclarecer através de suas teorias e práticas as desigualdades sociais do mundo. A Geografia política traz esse tema em sua essência. A filosofia, por exemplo no próprio mito da caverna escrito por Platão, é justamente para buscarmos a verdade, o conhecimento, a realidade de mundo. A paisagem é um elemento presente na vida de todos.

Imagem 2: Desmatamento



Fonte: <https://www.pensamentoverde.com.br/>

Esta imagem se trata de um ponto da floresta Amazônica. O professor pode utilizá-la como exemplo em problemas ambientais relacionando-a com problemas do local do estudante.

O desmatamento está crescente em todas as regiões do planeta. De dentro da caverna pensamos ou somos instigados a pensar como uma ação necessária para suprir necessidades dos seres humanos. De fora da caverna o vemos como um dos maiores problemas ambientais da atualidade estando relacionado a expansão do agronegócio, urbanização e mineração. A ciência geográfica e a Filosofia por serem ciências amplas, contribuem para nos fazer enxergar a verdade e não aceitar as informações sem antes analisá-las. Durante a exposição desta imagem o professor pode fazer uma reflexão com os estudantes de porquê, por exemplo Amazônia é alvo de desmatamento. Será que é somente pela madeira? Seria um processo de elaboração da sionatureza? A temporalidade da natureza neste caso, não é a mesma dos seres humanos! De acordo com Souza a sociedade não produz conflitos contra a natureza, mas quando toma para si os recursos que são parte dos resultados de suas dinâmicas e em função disso teme a possibilidade de escassez difundindo assim a ideia de que a natureza é finita e precisa ser preservada. (SOUZA, 2018 p. 114)

A sociedade não estaria construindo um conflito contra si mesma?

Imagem 3: Condomínio com mansões



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>

Condomínio na cidade de Xangri-lá no Rio Grande do sul no litoral Norte. Imagem que pode ser utilizada para representar a desigualdade. Quem mora ali tem dinheiro, o qual é concentrado nas mãos de uma minoria da população.

Imagem 4: Trabalhadores sem teto



Depois do condomínio fechado e luxuoso temos essa imagem que na qual duas crianças só querem um teto para morar. Essas pessoas possuem algum vínculo com os moradores do condomínio fechado? Isso me faz pensar sobre a ciência. Que ciência o mundo desenvolveu que é capaz de levar um ser humano na lua e não consegue garantir moradia e matar a fome de milhares de pessoas no mundo?

Os seres humanos têm uma visão distorcida da realidade. No mito da caverna por exemplo, os prisioneiros somos nós que enxergamos e acreditamos apenas em imagens criadas pela cultura conceitos e informações que recebemos durante a vida. A caverna simboliza o mundo, pois nos apresenta imagens que não representam a realidade. Só é possível reconhecer a realidade quando nos libertamos destas influências culturais e sociais, assim sairemos da caverna.


Imagem 5: Trabalhadores sem terra






Fonte: <https://www.ocafezinho.com/2013/12/18/mst-acusa-globo-e-stf-de-conluio-para-criminalizar-a-luta-politica>.

A imagens dos trabalhadores na luta por um pedaço de terra para sustentar suas famílias. O poder está concentrado nas mãos de poucos por que o agronegócio intensificou o processo de concentração fundiária.

Com as respostas em mãos poderá ser realizado um debate e após a construção de um trabalho científico juntamente com os professores que participem da atividade, elencando os conceitos estudados na aula pré campo, as entrevistas e a opinião dos estudantes acerca das respostas. A percepção dos estudantes sobre as modificações da paisagem e sua relação com a sociedade também será abordada no produto final.

Questões	Objetivos
1-A quanto tempo você reside neste local?	Verificar o tempo de relação do estudante com seu espaço de vivência
2- Há alguma coisa nesta cidade ou na área rural que te chama atenção e que te gera curiosidade?	Buscar incrementar o roteiro com possíveis conteúdos espaciais que motivem o engajamento dos estudantes na significação do trabalho de campo.
3-O que é paisagem para você?	Dar início ao trabalho pedagógico de transposição de um conceito de definições científicas para uma noção espaço-temporal que pode fazer com que os estudantes tomem interesse pelos conteúdos da Geografia.
<p>4-Qual destas duas imagens melhor representa a paisagem para você?</p>  <p>Fonte: https://www.cpt.com.br</p>	Definir um conceito de paisagem para além daquele definido exclusivamente pelo ideal de beleza e organização espacial.

 <p>Fonte: https://blog.edestinos.com.br/2017</p>	
<p>5 – Qual destas duas imagens melhor representa a paisagem para você?</p>  <p>Fonte: https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/cidades-brasileiras</p>  <p>https://br.pinterest.com/judithgonalves/zona-rural/</p>	<p>Identificar se os estudantes tenderão a pensar que o campo é mais paisagístico do que a cidade. Se a cidade também pode ser considerada na sua dimensão paisagística.</p>
<p>6 – Qual destas duas imagens melhor representa a paisagem para você?</p>	<p>Esclarecer que a paisagem é uma experiência da vida em espaços abertos. Justo por isso que ela pode nos despertar a</p>



Fonte: <https://diversa.org.br/aulas-formacao-educadores>.



Fonte: <https://www.tuaradio.com.br/noticias>.

curiosidade de buscar entender o mundo.

Relacionando com o mito da caverna a paisagem só é contemplada em espaços abertos. Sala de aula e caverna ambas não são paisagens.

7- Considerando o tempo que você reside aqui, qual a transformação na paisagem mais impactou sua vida?

Perceber a degradação da paisagem que os seres humanos fazem em prol de suas ambições e desejos. A paisagem como um conceito dinâmico. Como nós fizemos uso da paisagem e como ela nos beneficia.

8- Na sua opinião, a mata ciliar existente é suficiente para a preservação dos rios?

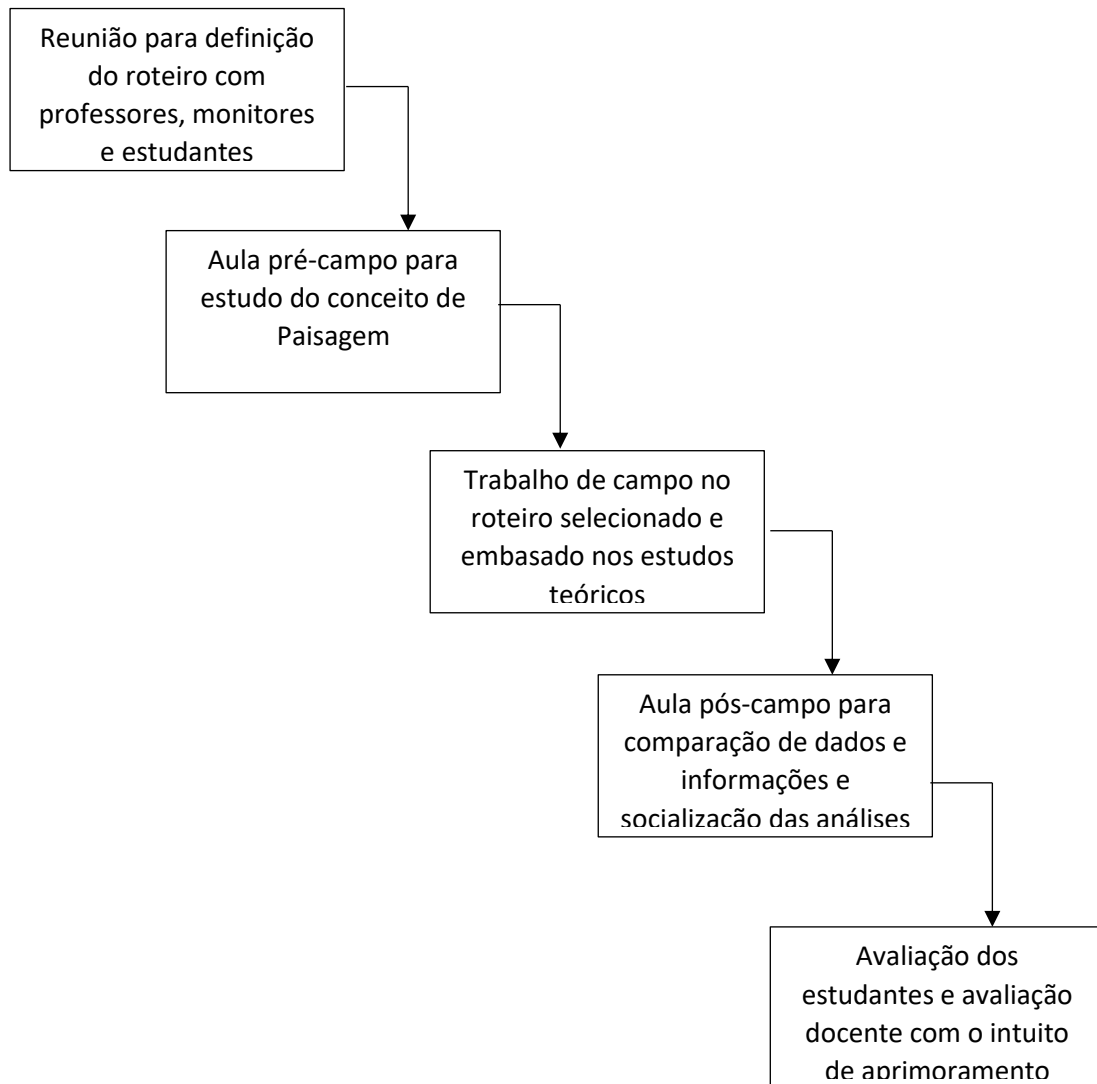
Observar as construções próximo aos rios degradando a mata e invadindo o habitat de espécies daquele local. Pensar que há locais que as matas ciliares estão muito bem conservadas e outros lugares não. Compreender por

	que isso ocorre. Ocorre mais conservação no espaço rural ou urbano? Quem burla as leis acerca desta preservação?
9- Qual a paisagem você gostaria de ver quando abre a janela?	Perceber a dinâmica da paisagem e suas transformações. A plenitude da paisagem e sua ampla composição.

Elaboração: TACCA. Julho de 2020.

A primeira tarefa é uma reunião com os estudantes e os professores que irão acompanhá-los sendo que os professores ficam responsáveis em organizar as etapas do trabalho de campo de acordo com o tamanho das suas turmas. Após, a definição do roteiro, o transporte e o local da refeição. Em seguida a elaboração da autorização a qual será enviada aos pais e trazida para escola assinada junto com um documento de identidade. Após o campo, o retorno para a escola. Na escola haverá o transporte que levar os estudantes cada qual em suas casas como acontece nos dias normais de aula. O fluxograma a seguir descreve as etapas do trabalho de campo a ser realizado.

Roteiro de orientação para o estudo de campo



Na aula pós campo faremos a socialização dos questionários respondidos será construído um texto partir das respostas, O grande objetivo do trabalho é o despertar no aluno a percepção dos sentidos empíricos, diferenciando paisagem de natureza, as transformações nas paisagens, como o ser humano se apropria das paisagens em favor de suas ambições e que a Geografia é uma ciência constituída de processos. A partir desta constatação construir uma análise sobre essa realidade e sobre o conceito paisagem.

A avaliação deste trabalho de campo iniciará na aula pré campo considerando a participação, organização, e comportamento. O confrontamento das informações coletadas com as das aulas teóricas será um ponto categórico observado na avaliação.

No trabalho final serão contados como pontos positivos a ligação da teoria com a prática, percepção deles de que a paisagem está dentro da natureza. A descrição da paisagem de acordo com os requisitos paisagísticos apresentados em aula e durante o campo e a dinamicidade da paisagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do ponto de vista dos autores utilizados nesta pesquisa, o trabalho de campo é uma ferramenta de suma importância para observação e análise da paisagem para a Geografia no processo ensino aprendizagem. A aprendizagem experiencial também é contemplada através desta ferramenta, dado que a Geografia é baseada no estudo e compreensão das relações físicas e humanas.

É importante ressaltar que mesmo com a compreensão da localização, com o reconhecimento dos elementos observados em campo as aulas teóricas remetem muito aprendizado. O professor precisa planejar o trabalho de campo de forma reflexiva, para que o ensino-aprendizagem ocorra em plenitude.

O trabalho de campo deve ser visto como indispensável para a prática do ensino da Geografia, porém não suficiente, pois após a realização do campo, é necessário o retorno para a sala de aula, para uma retomada de conteúdos ou até mesmo para a avaliação do aprendizado. Precisamos ser professores com criatividade para tornar os procedimentos teóricos dinâmicos.

Para o trabalho de campo, a paisagem se configura como um conceito estruturante revelando dinâmicas, combinando tempo e as ações de diferentes agentes, permitindo confrontar a hibridação com os sujeitos e a natureza. Ela é o resultado mais evidente das intervenções de um determinado lugar refletindo resultados positivos ou negativos de tais laborações.

Para o ensino de Geografia, o trabalho de campo nos permite além de verificar, avaliar, observar e comprovar nos permite novas perspectivas para a própria pesquisa em sua realização. Podemos estudar problemas ambientais, tanto urbanos quanto rurais bem como todas as manifestações que acontecem no espaço geográfico.

A Geografia é uma área do conhecimento que se relaciona muito com o espaço e suas dinâmicas variáveis e para tanto, não deve abster-se somente de teorias e bibliografias. O campo é a ferramenta a qual irá municiar as bases para o entendimento e a aprendizagem nesta disciplina.

Para os desafios contemporâneos como a tecnologia do mundo virtual, o qual pode colaborar no ensino de Geografia se utilizada adequadamente mas, mesmo assim não

resolve problemas educacionais. A figura do professor é indispensável para fazer a mediação e deve fazer uso destas tecnologias de acordo com os objetivos a serem alcançados para aquela aula.

A proposta desta pesquisa foi tornar a Geografia uma matéria escolar reflexiva e compreensível elencando uma ferramenta dinâmica como o trabalho de campo já no ensino fundamental. Essa ferramenta, muito tem a contribuir com o ensino e a aprendizagem quando realizada plenamente.

Para a realização desta pesquisa a Geografia contribuiu imensamente por ser uma ciência ampla e seus conceitos estruturadores, balizaram esta pesquisa estudados ao longo da graduação sendo a paisagem o carro chefe e uma chave para aberturas de entendimento das ações humanas na natureza.

Como futura professora de Geografia vou contribuir com meu trabalho voltado a aulas práticas, me apropriando dos conceitos desta ciência para melhorar a compreensão dos temas. Estudar as paisagens de vivência dos estudantes e relaciona-las com as paisagens globais construindo assim uma aprendizagem significativa para a formação cidadã.

REFERÊNCIAS

ASSUNTO, Rosário. **A paisagem é a estética**. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Filosofia da Paisagem: Uma antologia*, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2013.

BERTRAND, Claude Georges. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Org.: Messias Modesto dos Passos. Maringá: Ed. Massoni, 2007

CALLAI, Helena C. et al. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí, Unijuí, 1988.

CARTA BRASILEIRA DA PAISAGEM-2012. Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006 p.40.

CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / AGB – seção Porto Alegre, 1999.

CASTRO, I.E.de; **Geografia Política: Território, escalas de ação e instituições**. 2ºed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CARNIEL Alexandra **As transformações da paisagem no ensino de geografia: uma experiência pedagógica no/sobre o município de Itá**. Universidade Federal da Fronteira Sul Campus de Erechim, 2018.

CIOCCARI Carmem Cândida: **Ensino de geografia e o trabalho de campo: construindo possibilidades de ensino e aprendizagem sobre o espaço urbano e rural**. Universidade Federal de Santa Maria Centro de Ciências Naturais e Exatas Programa de Pós-Graduação em Geografia, Júlio de Castilhos 2013.

CORAJOURD, Michel. **A paisagem é o lugar onde o céu e a terra se tocam**. In: *Filosofia da Paisagem: Uma antologia*, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2013.

KAERCHER, N. A. A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SAUER, C.O. **A morfologia da paisagem**. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (org.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 (1925).

SANTOS, Marcio Pereira. **O espaço humanizado, a paisagem humanizada e algumas reflexões sobre a paisagem em São Paulo no século XVIII e XIX.** 2006, 192f. Tese de doutorado- Faculdade de Filosofia, letras e ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

SIMMEL, Georg. **A filosofia da paisagem.** Universidade da Beira Interior Covilhã, 2009. SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Espaço geográfico uno e múltiplo.** In: Revista Eletrônica de geografia y ciências sociales. Universidade de Barcelona, n.93, 15 jul. 2001.

SOUZA, Reginaldo José de. **O sistema GTP (Geossistema-Território-Paisagem) aplicado ao estudo sobre as dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema-SP,** Presidente Prudente, 2010.

SOUZA, Reginaldo José de **Paisagem e Socionatureza : olhares geográfico-filosóficos** / Reginaldo José de Souza. – Chapecó: Ed. UFFS, 2018. -- 133 p.

VERDUM, Roberto. Perceber e conhecer paisagem. In VERDUM, Roberto *et al.* (Org.). **Paisagem: leituras, significados e transformações.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. p.15-22.

VITTE, Antônio Carlos. **O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física.** Revista de Geografia da UFC, Campinas, n. 11, p.71-78, dez. 2007.